

**NIX**

“O primeiro livro em décadas que merece o título de Grande Romance Americano.”

*The New York Times*

“Esse livro partiu meu coração. E me fez rir na mesma medida. Nathan Hill vai ser famoso, esse é só o começo.”

*National Public Radio*

“Ler *Nix* é uma experiência plena de verdadeiro prazer.”

*The Independent*

“Ambicioso e engraçado do início ao fim.”

*GQ*

“Os retratos de uma era dominada pela compulsão por videogames e por uma educação universitária voltada para o consumidor são brilhantes.”

*The Guardian*

“Um primeiro romance prodigioso, de ambição tão impressionante quanto seu fôlego.”

*Le monde*

“Estamos na presença de um novo grande romanista da comédia.”

*The Washington Post*

“Um nocaute.”

*Esquire*

“Extremamente divertido e inteligente, o autor é incapaz de escrever uma frase banal ou fabricar uma história chata.”

*The New York Times Book Review*

“Com fantasmas e política, *Nix* é um psicodrama entre mãe e filho, mas também uma tragicomédia sobre raiva e hipocrisia nos Estados Unidos. Nathan Hill alcançou a excelência de um mestre.”

*John Irving*

# NIX

NATHAN HILL

TRADUÇÃO DE JOSÉ FRANCISCO BOTELHO



Copyright © 2016 by Nathan Hill

Publicado mediante acordo com o autor. Todos os direitos reservados.

TÍTULO ORIGINAL

The Nix

PREPARAÇÃO

Nina Lua

REVISÃO

Rafaella Lemos

Taís Monteiro

DIAGRAMAÇÃO

Ilustrarte Design e Produção Editorial

DESIGN DE CAPA

Oliver Munday

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Túlio Cerquize

IMAGENS DE CAPA

Marcha e manifestação pela liberdade. Parque Grant, Chicago, Illinois,  
27 de abril de 1968. Acervo Chicago History Museum.

© Getty Images Brazil / The Life Picture Collection - RM Editorial Images

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

H545n

Hill, Nathan, 1978-  
Nix / Nathan Hill ; tradução José Francisco Botelho. - 1. ed. - Rio de  
Janeiro : Intrínseca, 2018  
672 p. ; 23 cm.

Tradução de: The Nix  
ISBN 978-85-510-0310-7

1. Romance americano. I. Botelho, José Francisco. II. Título.

18-47650

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

[2018]

*Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3ª andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

Para Jenni



Havia um rei em Sāvatti que certa vez convocou um homem e lhe ordenou que reunisse todos os habitantes da cidade que tivessem nascido cegos. Quando o homem completou a tarefa, o rei pediu que ele mostrasse um elefante aos cegos. A algumas pessoas ele apresentou a cabeça do elefante; a outras, a orelha; a outras, a presa, a tromba, o tronco, a pata, as ancas, o rabo ou o tufo de pelos na ponta do rabo. E a cada uma das pessoas o homem disse: “Isto é um elefante.”

Quando o homem informou ao rei que a tarefa estava cumprida, o rei foi até os cegos e lhes perguntou: “Digam-me, cegos, como é um elefante?”

Aqueles a quem a cabeça do elefante fora apresentada responderam: “Um elefante, majestade, é como um cântaro de água.” Aqueles a quem a orelha fora apresentada responderam: “Um elefante é como uma joeira.” Aqueles a quem a tromba fora apresentada responderam: “Um elefante é como a relha.” Aqueles a quem o tronco fora apresentado responderam: “Um elefante é como um arado.” E todos os outros, da mesma forma, descreveram o elefante de acordo com a parte que lhes fora apresentada.

Então, dizendo “Um elefante é assim, um elefante não é assim! Um elefante não se parece com isso, um elefante se parece com aquilo!”, os cegos se puseram a lutar uns contra os outros, aos socos.

E o rei ficou imensamente satisfeito.

— *Ditos inspirados do Buda*





## PRÓLOGO

*Fim do verão, 1988*

SE SOUBESSE QUE a mãe estava indo embora, talvez Samuel tivesse prestado mais atenção. Poderia tê-la escutado com mais cuidado, tê-la observado com mais zelo, ter anotado certas coisas essenciais. Talvez pudesse ter agido de um jeito diferente, ter falado de um jeito diferente, ter sido outra pessoa.

Talvez pudesse ter sido uma criança por quem valesse a pena ficar.

Mas Samuel não sabia que a mãe estava indo embora. Não sabia que, àquela altura, ela já estava indo embora havia vários meses — em segredo e em partes. Ela ia removendo itens da casa, um por um. Um único vestido do armário. Depois uma foto avulsa do álbum. Um garfo da gaveta de talheres. Uma colcha sob a cama. Toda semana, um novo objeto era levado. Um suéter. Um par de sapatos. Um enfeite de Natal. Um livro. Lentamente, sua presença na casa se tornava mais rarefeita.

Ela já estava fazendo isso havia quase um ano quando Samuel e o pai começaram a perceber algo, uma espécie de instabilidade, um sentimento de escassez enigmático, perturbador e às vezes até sinistro. Eram acometidos por ele em momentos aleatórios e repentinos. Olhavam para uma estante e pensavam: *Não tínhamos mais livros?* Passavam pela cristaleira e vinha a certeza de que algo estava faltando. Mas o quê? Não conseguiam dar um nome àquilo — àquela impressão de que as minúcias da vida estavam sendo reorganizadas. Não compreendiam que o motivo para terem deixado de comer legumes no vapor era que a panela a vapor não estava mais na casa. Se as estantes pareciam desertas, era porque ela havia mingüado toda a poesia. Se a cristaleira parecia um tanto erma, era porque dois pratos, duas tigelas e um bule tinham sido subtraídos da coleção.

Estavam sendo saqueados a um ritmo muito lento.

— Esta parede não tinha mais fotos? — perguntou o pai de Samuel, ao pé da escada, semicerrando os olhos. — Aquela foto do Grand Canyon não ficava aqui?

— Não — respondeu a mãe de Samuel. — Jogamos aquela foto fora.

— Jogamos? Não me lembro disso.

— A decisão foi *sua*.

— Foi? — questionou ele, desnortado.

Pensou que estivesse ficando maluco.

Anos depois, em uma aula de biologia no ensino médio, Samuel ouviu uma história sobre certas tartarugas africanas que atravessam o oceano a nado para pôr seus ovos na América do Sul. Os cientistas não conseguiam encontrar uma razão para aquela viagem gigantesca. Por que as tartarugas faziam isso? De acordo com a teoria mais aceita, elas começaram essa prática milênios atrás, quando a América do Sul e a África ainda estavam grudadas. Naquela época, é possível que os dois continentes fossem separados apenas por um rio, e as tartarugas colocassem os ovos na margem oposta. Mas então os continentes começaram a se separar e o rio foi ganhando cerca de três centímetros por ano, o que seria imperceptível para as tartarugas. Portanto, elas continuavam indo para o mesmo lugar, na margem oposta do rio, cada geração nadando um pouquinho mais do que a anterior, e, depois de cem milhões de anos, o rio havia se tornado um oceano, e mesmo assim as tartarugas não notavam.

Essa, concluiu Samuel, era a forma como sua mãe tinha ido embora. Era assim que ela havia se afastado: de forma imperceptível, vagarosa, pedacinho por pedacinho. Foi reduzindo a própria vida até que a única coisa que faltava ser removida era ela mesma.

No dia em que desapareceu, ela saiu de casa carregando uma única maleta.

| PARTE UM |

## **O TERROR DO GOVERNADOR**

*Fim do verão, 2011*



# 1

CERTA TARDE, A manchete surge de forma quase simultânea em vários sites de notícia: ATENTADO CONTRA O GOVERNADOR PACKER!

A televisão começa a divulgar a notícia instantes depois, interrompendo a programação com um Boletim Especial em que o âncora olha com severidade para a câmera e diz: “Nossos correspondentes em Chicago acabam de informar que o governador Sheldon Packer sofreu um ataque.” Por algum tempo, isto é tudo o que se sabe: que ele foi atacado. E, por uns poucos e atordoantes minutos, todos fazem as mesmas duas perguntas: ele está morto? E: há um vídeo?

Os primeiros relatos vêm de repórteres no local do acontecimento, que telefonam de seus celulares e entram no ar ao vivo. Eles explicam que Packer tinha ido ao Hilton de Chicago, onde havia sido o anfitrião de um jantar para arrecadar fundos. Em seguida, estava atravessando o parque Grant com seu séquito, apertando mãos, beijando bebês, fazendo todas as manobras típicas de uma campanha populista, quando, de repente, do meio da multidão, uma pessoa ou um grupo de pessoas começou a atacar.

— Como assim, *atacar*? — pergunta o âncora.

Ele está em um estúdio com piso preto brilhante e um sistema de iluminação em vermelho, branco e azul. Seu rosto é liso como glacê de bolo. Atrás dele, pessoas parecem trabalhar em suas mesas. Ele diz:

— Você pode descrever o ataque?

— A única informação que recebemos até o momento é que objetos foram arremessados — afirma o repórter.

— Que objetos?

— Isso ainda é incerto.

— O governador foi atingido por um desses objetos? Ele está ferido?

— Acredito que foi atingido, sim.

— Você viu os agressores? Eram muitos? Atirando objetos?

- Houve muita confusão. E gritaria.
- Os objetos que foram atirados eram grandes ou pequenos?
- Eu diria que eram pequenos o bastante para serem atirados.
- Eram maiores que bolas de beisebol, os objetos que foram atirados?
- Não, menores.
- Então eram objetos do tamanho de uma bola de golfe?
- Talvez seja isso mesmo.
- Eram pontudos? Eram pesados?
- Tudo aconteceu muito rápido.
- Foi um ataque premeditado? Uma conspiração?
- Muitas questões desse tipo estão sendo levantadas.

Um slogan é criado: *Terror em Chicago*. É sussurrado perto da orelha do âncora e começa a tremular feito uma bandeira ao vento. O programa exibe um mapa do parque Grant em uma enorme tela *touch screen*, algo que já se tornou lugar-comum dos noticiários modernos: alguém na televisão se comunica por meio de outra televisão, postando-se em frente a essa televisão e controlando a tela por meio de beliscões que aumentam e encolhem a imagem em altíssima definição. Tudo muito bacana.

Enquanto aguardam mais informações, eles debatem se o incidente vai aumentar ou diminuir as chances do governador de chegar à presidência. Vai aumentá-las, eles concluem, pois o nome do governador ainda é pouco conhecido além do seu círculo de seguidores, formado por evangélicos conservadores raivosos que adoraram o que ele fez ao longo de seu mandato em Wyoming, durante o qual baniu completamente o aborto, ordenou que os Dez Mandamentos fossem recitados em público pelas crianças e pelos professores todas as manhãs antes do juramento à bandeira, tornou o inglês a língua oficial e o único idioma legal no estado e proibiu qualquer pessoa que não fosse fluente em inglês de ter propriedades. Também liberou armas de fogo em todas as reservas de vida silvestre em Wyoming. E baixou uma medida determinando que as leis estaduais se sobrepusessem às leis federais em todas as áreas, um ato que, na opinião de especialistas em direito constitucional, equivalia a um decreto de secessão arbitrário. Ele usava botas de caubói. Dava entrevistas coletivas em seu rancho e carregava uma arma de verdade, um revólver preso em um coldre de couro que pendia de sua cintura.

Ao fim de seu único mandato como governador, anunciou que não concorreria à reeleição pois pretendia se concentrar em prioridades de escopo

nacional, o que a mídia naturalmente interpretou como intenção de candidatura à presidência. Ele aperfeiçoou um *páthos* na linha pastor/caubói e um populismo antielitista que logo encontraram um público receptível, especialmente entre operários brancos e conservadores abalados pela recessão vigente. Comparava os imigrantes roubando empregos dos americanos a coiotes abatendo o gado, e ao dizer isso pronunciava as palavras com um sotaque ostensivo do Meio-Oeste. Reforçava o som do erre em alguns vocábulos, de modo que a palavra passava a ter quase um novo significado. Falava *arriado* em vez de *cansado*. Pronunciava *marelo* em vez de *amarelo* e dizia *sanga* em vez de *riacho*.

Segundo os apoiadores de Packer, era assim que se falava em Wyoming, ao menos fora da elite.

Os detratores gostavam de alardear que os tribunais haviam derrubado quase todos os seus projetos em Wyoming, então, na prática, seu histórico legislativo era nulo. Mas nada disso parecia importar para aqueles em seus eventos de captação de recursos que seguiam pagando quinhentos dólares para comer um único prato (os quais, aliás, Packer chamava de “rangos”), dez mil dólares por seus honorários como palestrante e trinta dólares por seu livro de capa dura, *O coração de um verdadeiro americano*. E, assim, iam enchendo o que os repórteres gostavam de chamar de “seu cofre de guerra” para “uma futura campanha presidencial, quem sabe”.

E agora o governador foi atacado, embora ninguém saiba ao certo como o atacaram, com o que foi atacado, quem o atacou e se o ataque o deixou ferido. Na TV, âncoras especulam sobre o dano que um rolimã ou uma bolinha de gude em alta velocidade poderiam causar ao olho humano. Falam sobre isso por uns dez minutos sem parar, com gráficos demonstrando como um objeto de pouca massa deslocando-se em torno de cem quilômetros por hora pode penetrar o humor aquoso do olho. Quando o assunto se esgota, eles chamam os comerciais. Anunciam um documentário a ser exibido em breve, sobre o décimo aniversário do 11 de Setembro: *Dia de terror, década de guerra*. E aguardam.

Então algo acontece, salvando os noticiários do estado de inércia em que acabaram mergulhando: o âncora reaparece e anuncia que uma testemunha gravou aquela cena espetacular em um vídeo e acabou de postá-lo na internet.

E eis o vídeo que será veiculado centenas de milhares de vezes na televisão durante a próxima semana, atraindo milhões de cliques e virando o terceiro

mais assistido no mês, atrás apenas do novo clipe da estrela adolescente da música pop Molly Miller, “Vem com tudo”, e de um vídeo caseiro em que uma criança de fraldas dá risadas até cair no chão. Ao ocorrido, então:

O vídeo é apenas vento e uma imagem branca no início, o som do vento fustigando um microfone exposto, até que uns dedos começam a tateá-lo e pressioná-lo, produzindo barulhos semelhantes ao som do mar de uma concha enquanto a câmera ajusta a abertura do obturador à clareza do dia e a brancura se dissolve num céu azul e num verdor indistinto que talvez seja grama, então surge uma voz, uma voz de homem bem alta e próxima demais ao microfone:

— Está ligado? Eu não sei se está ligado.

A imagem entra em foco no momento em que o homem aponta a câmera para os próprios pés. Ele diz em tom ofendido e exasperado:

— Esse negócio está ligado? Como você sabe se está ligado?

Então uma voz de mulher, mais calma, melodiosa e pacífica, diz:

— Olhe a parte de trás. O que diz aí?

E o seu marido ou namorado ou seja lá quem for, que não consegue deixar o enquadramento firme, diz “Será que dá pra me ajudar?” em um tom agressivo e acusatório, dando a entender que a culpa é dela por qualquer problema que ele tenha com a câmera. Durante todo esse tempo, o vídeo é apenas um close saltitante e vertiginoso dos calçados do homem. Tênis de cano alto estufado. Incrivelmente brancos e novos. Ele parece estar de pé em cima de uma mesa de piquenique.

— O que diz na parte de trás? — pergunta a mulher.

— O quê? Atrás onde?

— Na tela.

— *Isso* eu sei — fala ele. — Onde na tela?

— Lado direito, canto de baixo — diz ela com perfeita neutralidade. — O que diz aí?

— Tem um *R*.

— Quer dizer que está gravando. Está ligada.

— Que idiotice — diz ele. — Por que não fica escrito simplesmente *ligada*?

O quadro oscila entre os tênis dele e o que parece ser um bando de pessoas em plano médio.

— Lá vem ele! Olha só! É ele mesmo! Lá está ele! — grita o homem.

Ele aponta a câmera para a frente e, quando finalmente consegue controlar o tremor da imagem, eis que Sheldon Packer entra em cena, a uns trinta me-



tros de distância, cercado por seguranças e assessores. Há uma pequena multidão. As pessoas em primeiro plano percebem de repente que algo está acontecendo, que alguém famoso está por perto. Agora, o homem com a câmera está gritando “Governador! Governador! Governador! Governador! Governador! Governador!”. A imagem começa a tremer de novo, provavelmente porque o cara está acenando ou pulando, ou ambas as coisas.

— Como é que eu dou um zoom? — pergunta ele.

— Aperta em Zoom — responde a mulher.

Então a imagem começa a se aproximar, o que desencadeia novos problemas de foco e exposição. Aliás, o único motivo de essa gravação ter alguma utilidade para a TV é o fato de que o homem, após um tempo, acaba por entregar a câmera à mulher, dizendo:

— Tome, será que dá para você segurar isso?

Então ele sai correndo para apertar a mão do governador.

Mais tarde, na edição, todo esse blá-blá-blá será cortado, de modo que o vídeo repetido milhares de vezes na televisão começará no seguinte ponto: com a imagem congelada, a equipe do noticiário introduz um pequeno círculo vermelho ao redor de uma mulher sentada em um banco do parque, na parte direita da tela.

— Ao que tudo indica, essa é a perpetradora do atentado — diz o âncora.

É uma mulher de cabelos brancos, provavelmente na casa dos sessenta anos, sentada, lendo um livro — não há nada de extraordinário a seu respeito; parece a figurante de um filme, preenchendo um pedaço da tela. Está usando uma blusa azul-clara por cima de uma regata e calças pretas que parecem elásticas, do tipo que se usa para fazer ioga. Seu cabelo é curto e despenteado e cai em pequenos cachos sobre a testa. Há algo de compacto e atlético nela: é magra, mas também musculosa. Agora ela percebe o que está acontecendo ao seu redor. Vê o governador se aproximando, fecha o livro, se levanta e fica olhando para ele. Ela está na margem do enquadramento e, aparentemente, tenta decidir o que fazer. Suas mãos estão na cintura. Ela morde os lábios. Parece estar avaliando suas opções. Sua postura parece fazer a pergunta: *Será que devo?*

Então ela começa a andar rápido em direção ao governador. Largou o livro no banco e está avançando a passos largos, no ritmo dos moradores dos subúrbios americanos quando fazem caminhadas no shopping. A diferença é que seus braços estão rijos junto ao corpo, com os punhos cerrados.

Aproxima-se do governador até estar à distância de um arremesso e, nesse momento, a multidão se divide por acaso, de modo que, na perspectiva da câmera, há uma clara linha de visão entre a mulher e o governador. De pé em uma trilha de cascalhos, a mulher olha para baixo, dobra os joelhos, se inclina e junta um punhado de pedras. Assim armada, ela grita (as palavras são muito claras, pois o vento arrefece nesse exato instante e a multidão faz silêncio, como se todos soubessem que um grande evento estava para acontecer e se esforçassem ao máximo para que o momento fosse capturado corretamente); ela grita:

— Seu porco!

E então atira as pedras.

No início, há apenas uma grande confusão à medida que as pessoas se viram para ver de onde vêm os gritos ou recuam e se encolhem ao serem atingidas pelas pedras. E então a mulher junta mais um punhado de pedras e atira, e junta e atira, e junta e atira, como uma criança em uma guerrinha feroz de bolas de neve. A pequena multidão se abaixa e se esquiva, mães protegem o rosto dos filhos e o governador dobra o corpo, cobrindo o olho direito com a mão. E a mulher continua atirando pedras até que os seguranças do governador a alcançam e a contêm. Ou talvez *conter* não seja a palavra certa: é mais justo dizer que lhe dão um abraço forte e desabam no chão, como lutadores exaustos.

E é isso. O vídeo inteiro dura menos de um minuto. Logo após a transmissão, alguns fatos vêm à tona. O nome da mulher é divulgado: Faye Andresen-Anderson, o qual todos os jornalistas pronunciam erroneamente como “Anderson-Anderson”, traçando paralelos com outros personagens famigerados com nomes duplos, como Sirhan Sirhan. Descobre-se rapidamente que ela é professora assistente em uma escola municipal de ensino fundamental, o que fornece munição a certos comentaristas que afirmam que isso demonstra como a esquerda radical tomou conta da educação pública. A manchete é alterada para PROFESSORA ATACA GOV. PACKER!, permanecendo assim por cerca de uma hora, até que alguém descobre uma imagem que aparentemente mostra essa mesma mulher em um protesto em 1968. Na foto, ela está sentada em um campo com milhares de manifestantes, uma massa indistinta de pessoas, muitas segurando cartazes, uma delas brandindo a bandeira americana. A mulher olha para o fotógrafo com uma expressão sonolenta por trás dos grandes óculos redondos. Está inclinada para a direita, como se apoiasse o corpo em alguém fora do enquadramento — dessa outra pessoa, a

única coisa visível é o ombro. À esquerda, outra mulher, com cabelos longos e uma jaqueta do exército, olha para a câmera de um jeito ameaçador por cima das lentes prateadas de óculos de sol estilo aviador.

A manchete agora se transforma em: RADICAL DOS ANOS 60 ATACA GOV. PACKER!

E, como se a história já não fosse suficientemente deliciosa, duas coisas acontecem quase ao fim do expediente, fazendo com que o caso salte para a estratosfera como um enorme jato d'água. Primeiro, vem a notícia de que o governador Packer está passando por uma cirurgia de emergência no globo ocular. Em segundo lugar, vem à tona uma foto de delegacia mostrando que a mulher foi presa em 1968 — embora jamais tenha sido processada ou condenada — por *prostituição*.

Isso é demais. Como poderia uma única manchete abranger tantos detalhes fascinantes? PROFESSORA PROSTITUTA HIPPIE RADICAL CEGA GOV. PACKER EM ATAQUE BRUTAL!

Os noticiários transmitem sem parar o trecho do vídeo em que o governador é atingido. Ampliam a imagem, deixando-a pixelada e granulosa na valente tentativa de mostrar a todo mundo o exato momento em que um pedaço de cascalho pontudo se choca contra a córnea direita de Packer. Comentaristas debatem o significado do ataque e se ele representa uma ameaça à democracia. Alguns chamam a mulher de terrorista, outros afirmam que o caso demonstra o nível a que chegou o nosso discurso político, outros dizem que o governador teve o que merecia por ter sido um paladino feroz do porte de armas. Comparações são feitas com os grupos Weather Underground e Panteras Negras. A Associação Nacional de Rifles declara, em uma nota, que o governador Packer jamais teria sido atacado se estivesse carregando seu revólver. Enquanto isso, as pessoas sentadas a suas mesas atrás do âncora do noticiário não parecem estar trabalhando com mais ou menos afinco do que no início do dia.

Passam-se cerca de 45 minutos até que um redator esperto bola a expressão “O Terror do Governador”, que é imediatamente adotada por todas as redes de televisão e incorporada nas logomarcas especiais que elas criam para a cobertura do caso.

Quanto à mulher, ela se encontra detida em uma cadeia no centro da cidade, aguardando ser indiciada, indisponível para entrevistas. Sem a explicação dela para o ocorrido, a narrativa do dia começa a tomar forma à medida que opiniões e suposições se combinam com um punhado de fatos, criando uma ante-história que se cristaliza na mente do público: a mulher é uma ex-hippie e

atual radical de esquerda que odeia o governador com tanta intensidade que ficou de tocaia, aguardando-o de modo premeditado para atacá-lo brutalmente.

Salvo que existe uma falha lógica gritante nessa teoria, pois a pequena excursão do governador pelo parque foi uma ação improvisada e repentina, da qual nem mesmo os seguranças tinham ciência de antemão. Portanto a mulher não poderia saber que ele estava a caminho e tampouco poderia armar uma emboscada. Essa inconsistência, no entanto, acaba se perdendo entre as notícias mais sensacionalistas e jamais é investigada a fundo.